

A RUA FECHADA E OS DIFERENTES USOS DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO¹

Gláucia Maria de Jesus Lima – UFS/Sergipe

Natália Amado – UFS/Sergipe

PALAVRAS- CHAVE: rua fechada, espaço público, espaço urbano.

INTRODUÇÃO

A Rua Fechada, ou simplesmente “RF” como é conhecida, é um projeto realizado pela prefeitura do município de Maceió onde, aos domingos, um trecho da avenida Sílvio Carlos Viana, localizada na praia da Ponta Verde, é fechado. Isto é, o trânsito é fechado das 08:00 às 17:00 horas, não sendo permitida a passagem de caminhões, carros, motos, enfim, qualquer espécie de veículo automotivo por essa parte da via que vai do início ao fim do canteiro da praia da Ponta Verde.

Não há registro de quando esse projeto teve início, alguns afirmam ter sido no início dos anos noventa, assim, um informante afirmou: “a Rua Fechada existe desde que eu me conheço por gente”. Fato que revela a considerável temporalidade do projeto que se materializou, tornou-se tradição e mais uma opção de lazer tanto para moradores quanto para os que visitam a cidade de Maceió, além de se configurar como palco de divulgação de ações tanto da iniciativa pública quanto privada. Nesse sentido, fica notória a apropriação do espaço público para várias finalidades. Por espaço público, Proença (2009) afirma:

Podemos, assim, entender o espaço público como uma categoria construída a partir das interfaces entre os conceitos de esfera pública (do qual retira a categoria ação) e de espaço urbano (do qual retém a sua referência espacial). Embora o espaço público se constitua, na maioria das vezes, no espaço urbano, devemos entendê-lo como algo que ultrapassa a rua; (Proença, 2009, p. 116).

O ambiente urbano e o ambiente público são ressignificações da influência dos indivíduos sobre eles seja culturalmente, ou mesmo, o resultado de diversos estímulos do cotidiano que os qualificam. Os espaços ou ambientes públicos são locais dentro da cidade que têm uma forma ou característica identitária, às vezes transformados apenas em um espaço em trânsito, trajeto público (percurso, passagem). Os espaços urbanos

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

seguem uma relação simbólica entre o espaço público e os indivíduos, onde a noção de pertencimento, de identidade os transformam em um espaço também social.

O espaço que outrora era destinado à passagem de veículos perde essa característica e se torna espaço de lazer, onde as pessoas utilizam- no para caminhar e/ou correr, andar de bicicleta, patins, skate, fazer piquenique, entre outras coisas. Desse modo, a nova configuração desse espaço requer também uma nova demanda, e como afirma Magnani (2002), “a dinâmica da cidade é creditada de forma direta e imediata ao sistema capitalista” (p.14). Logo, fica perceptível a oferta de alguns serviços, tais como: parque destinado ao público infantil, aluguel de bicicletas de quatro rodas, além de produtos alimentícios, como milho cozido, churros, açaí, acarajé, água de coco, dentre outros, que são vendidos por ambulantes, na maioria de bairros periféricos que se deslocam até a orla da ponta verde para venderem os seus produtos, daí tirarem o sustento de suas famílias e fazendo dessa prática uma profissão, como sugere Park (1987): “Na cidade, qualquer vocação, mesmo a de mendigo, tende a assumir o caráter de profissão, e a disciplina que em qualquer vocação o sucesso impõe...” (p. 36).

Ainda de acordo com Park (1987), os espaços urbanos são muitas vezes, transformados em espaços de lazer, onde as famílias, jovens, esportistas e tantas outras formas indenitárias agregam, compartilham desse espaço urbano requalificando a sua funcionalidade, já que durante a semana ele é um local público de trajeto (tráfego de veículos). Essa reorganização do espaço traz benefícios socioeconômicos significativos, contribuindo também com o conceito de lazer; enquanto as famílias e grupos sociais se beneficiam desse comércio.

Além da oferta de serviços mencionada, é importante salientar que a praia da ponta verde é uma praia urbana bastante frequentada tanto por moradores, quanto por turistas de todo o Brasil e também de outros países, logo, há a presença de alguns bares destinados a esse público. Os bares localizados no trecho da avenida onde se materializou a rua fechada, são os mais frequentados, seja pela localização ou pela visão da paisagem, dois deles são destinados a um público que tem um considerável poder aquisitivo, isto é, às pessoas da classe média-alta. Não que os demais sejam destinados à classe baixa, visto que estão numa região de grande fluxo de turistas, mas eles mantêm um preço mais acessível em seus produtos. A “RF” também serve de palco de divulgação de ações de iniciativas públicas e privadas e não só de divulgação, mas de realização dessas ações, como por exemplo, há apresentações de grupos culturais, ações da saúde incentivadas pela prefeitura, apresentações de *fitdance* realizadas por academias, dentre outras.

METODOLOGIA

O presente trabalho é fruto de uma etnografia, utilizada como requisito de conclusão da disciplina antropologia urbana do curso de pós-graduação da universidade federal de Sergipe, realizada na Rua Fechada da Ponta Verde, na cidade de Maceió, estado de Alagoas. A partir da observação, principalmente, da dinâmica socioespacial da mesma, entre os meses de maio e junho do corrente ano. Registro algumas dificuldades que tive durante minha ida a campo, sobretudo, pelo fato de eu não residir nesse estado e o deslocamento única e exclusivamente para a realização dessa tarefa não ser muito viável. Dessa forma, aproveitei oportunidades de estar na cidade para realizá-las, fato que, de certa forma, dificultou duas das tentativas de observação, pois eram dias comemorativos e, conseqüentemente, atípicos na Rua Fechada.

No entanto, considero proveitosas as observações, os diálogos com frequentadores da Rua Fechada e, principalmente, com os ambulantes presentes com os quais pude realizar algumas entrevistas, ainda que indiretamente. Assim, Haguette (2007) define entrevista “como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (p. 86). Essa etapa é de suma importância para o trabalho do antropólogo, pois é através dela que haverá melhor compreensão do significado das relações sociais.

PRINCIPAIS RESULTADOS

A Rua Fechada é um espaço público com um grande fluxo de pessoas durante todo o dia de domingo, ela é frequentada por famílias que, geralmente, já saem de casa “preparadas”, levam comida, bebida, cadeiras de praia, se estabelecem em um lugarzinho no canteiro da avenida e ali passam o dia, segundo o integrante de uma família que estava presente, eles vão à rua fechada “para levar as crianças para andarem de bicicleta, patins, sair um pouco da internet e de um ambiente sufocante como um apartamento”. A “RF” é frequentada também por grupos de amigos que utilizam-na para a prática de esportes, para beberem, se divertirem ou simplesmente conversarem. Assim, foi perceptível a presença de grupos de skatistas, de “bicicleteiros” e também um grupo de pessoas que se (re)conhecem seja pelos gostos musicais, pelas vestimentas ou ideologia – os chamados *emos* – que frequentam um espaço específico dela para “trocarem ideias”, como um interlocutor afirmou quando eu perguntei o que levava eles a frequentarem a rua fechada e exatamente aquela parte dela: “a gente vem à rua fechada pra trocar ideia e fica sempre

por aqui porque a gente acha que é o melhor lugar. A gente anda pela orla, mas sempre para por aqui”, outro interlocutor afirmou: “frequentando a rua fechada em virtude de se encontrar na orla da capital e ser um ponto de lazer para os maceioenses, alagoanos e turistas em geral. Gosto desse encontro das famílias, ciclitas e corredores”. A rua fechada é frequentada ainda por pessoas que não vão necessariamente usufruir do seu espaço, mas que frequentam bares nela localizados. Assim, fica evidente a presença de categorias urbanas expostas por Magnani (2002), como por exemplo, a categoria de “pedaço”, então ele afirma: “o “efeito pedaço” continua: venham de onde vierem, o que buscam é um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento de laços [...] o “pedaço” é o espaço intermediário entre o privado e o público, isto é, entre a casa e a rua, é o “lugar dos colegas, dos chegados” (p. 21-22)

A partir da presença de grupos diversificados que, de certa forma, têm uma afinidade, dividem o mesmo espaço, mas uns grupos não interagem com os outros. Como um frequentador expôs: “aqui as “tribos” são bem divididas e não interagem entre si, sejam as diferenças por classes econômicas, gostos e afinidades, é tudo “separadozinho”, mas convivendo no mesmo ambiente”. Assim, Magnani (2002) conceitua:

Existe uma forma de apropriação quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências e sem o estabelecimento de laços mais estreitos entre eles. São as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. (MAGNANI, 2002, p. 22).

O público que frequenta a Rua Fechada vai em busca da diversão, do lazer diferenciado, da fuga de programas mais especificamente urbanos, como por exemplo, o cinema. Apesar de a “RF” estar em um ambiente urbano, de fazer parte do espaço urbano, as sensações dos frequentadores não são sensações tipicamente urbanas, pois ao estarem em frente a praia, em meio aos coqueiros dos canteiros, ao ar livre, elas se sentem mais tranquilas, mais libertas. Essas pessoas não se relacionam entre si, uma vez ou outra, pessoas conhecidas se (re)encontram, o que faz desse espaço público um lugar onde as relações sociais se dão quase que exclusivamente a partir da relação de troca, através dos serviços oferecidos, assim Simmel (2005) afirma: “o interesse das duas partes ganha uma objetividade impiedosa, seus egoísmos econômicos, que calculam com o entendimento,

não têm a temer nenhuma dispersão devida aos imponderáveis das relações pessoais” (p. 579). Desse modo, não havendo interação social entre os vários grupos que ali se fazem presentes.

A Rua Fechada da Ponta verde é um espaço público urbano, de certa forma, heterogêneo, pois ele é frequentado por diversificadas pessoas, ou seja, há pessoas de diferentes idades, desde crianças que vão brincar no parque a idosos que vão com seus familiares relaxar em meios aos coqueiros do canteiro, por pessoas de cor, gênero ou classes sociais distintas. Assim, Wirth (1987) expõe: “A cidade tem sido, dessa forma, o cadinho das raças, dos povos e das culturas e o mais favorável campo de criação de novos híbridos biológicos e culturais” (p. 98). Em meio a heterogeneidade existente nesse espaço, “verifica-se claramente que uma das características principais do habitante urbano é a sua dessemelhança com os seus concidadãos” (ibid., p. 108). Diante desse contexto, os frequentadores da “RF” consideram-na como um espaço democrático, no qual qualquer um pode ter acesso. O rico e o pobre, o negro e o branco, o alto e o baixo, enfim, não há uma distinção e/ ou restrição entre eles.

No entanto, é preciso ressaltar que o lugar, especialmente o trecho da avenida onde o projeto da Rua Fechada foi concretizado, é um espaço voltado para um público da classe média-alta, pois é justamente nesse trecho que estão dois bares considerados dos mais caros da cidade de Maceió, isto é, os seus clientes são pessoas de considerável poder aquisitivo, são pessoas que, geralmente, não vão à Rua Fechada com a mesma intenção que as demais pessoas, mas passam por ali para irem a esses bares, para manterem os seus status sociais e, como Pires (2000) sugere, para se manterem em seus enclaves. Enclaves estes que nem todos os frequentadores da “RF” têm acesso, esses ficam às margens, apenas observando de fora quem está dentro. Desse modo, é fundamental considerar que ao contrário do que as pessoas afirmam, há sim, de alguma forma, um espaço de segregação dentro da Rua Fechada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, fica notório que o espaço público urbano onde foi materializado o projeto “Rua Fechada” na cidade de Maceió, passa por transformações e/ ou ressignificações à medida que perde suas características do dia a dia para absorver outras em um dia específico, como o dia de domingo, através dos vários usos que os indivíduos fazem desse espaço.

Durante o “meio” da semana, isto é, de segunda a sábado, a avenida Sílvio Carlos Viana é limitada a um espaço onde as pessoas transitam, seja para irem ao trabalho, à escola, à faculdade, ou mesmo para passear pela orla, enfim, as pessoas trafegam por alguma necessidade que, geralmente, é intrínseca da sua rotina diária. No entanto, quando chega o domingo esse trajeto que possibilita as idas e vindas das pessoas não é mais possível, em seu lugar se estabelece outra forma de uso, agora não mais relacionado à rotina, mas justamente à fuga dela. Desse modo, em nome do lazer, as pessoas frequentam esse espaço para se divertir, se exercitar, espairar ou mesmo relaxar, para fugir da rotina da cidade dentro da própria cidade, fato que faz da Rua Fechada, um paradoxo.

É fundamental enfatizar que as relações sociais que se dão nesse espaço não são distintas, seja quando a rua está aberta ou fechada, elas são basicamente as mesmas. O que, de fato, vai mudar é a configuração socioespacial. Essas relações são típicas do urbanismo, nas quais as pessoas não mantêm um elo, não interagem umas com as outras, elas vão e vêm conduzidas por suas individualidades e, talvez, suas necessidades.

Destarte, apesar de a Rua Fechada ser considerada um espaço democrático no qual qualquer indivíduo pode frequentar, há, no mesmo, fatores de segregação que hierarquizam e separam as pessoas por classes sociais. Dentre esses fatores estão a presença do parque destinado às crianças, das bicicletas de quatro rodas para aluguel, dos bares de classe média. Estes são voltados ao público que pode pagar pelo seu uso. Dessa forma, realmente, qualquer pessoa pode frequentar a Rua Fechada, mas nem todas podem pagar e/ ou usufruir dos serviços oferecidos nela.

Referencial Bibliográfico

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. “**Parte III – Segregação Urbana, Enclaves Fortificados e Espaço Público**”. In. CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidades de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34\Edusp, 2000.

LEITE, Rogério Proença. “**Contra-usos e espaço público**: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown” In. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, Vol. 17, n. 49, Junho, 2009. pp. 115 – 134.

MAGNANI, José Guilherme C. “**De perto e de dentro**”: notas para uma etnografia urbana In. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, Vol. 17, n. 49, Junho, 2002. pp. 11 – 29.

PARK, Robert. “**A cidade**: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”, In. VELHO, Otávio (Org). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

SIMMEL, Georg. “**As grandes cidades e a vida do espírito**” In. Mana vol. 11, nº 2, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2005. pp. 577 – 591.

WIRTH, Louis. “**O urbanismo como modo de vida**”. In. VELHO, Otávio (Org). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987